

NM/ON: Toda canção conta uma história. E essas cento e uma canções contam a história de um século do sentimento brasileiro. E de todos nós.

CABEÇA

NM/ON: Inspiração para casamentos e revoluções, para encontros e separações, trilha sonora da política e da crônica social, na alegria e na tristeza, a canção é um documento da identidade nacional. Ao longo de um século da nossa história, quando uma música tocou muito no rádio, na televisão, nas ruas e nas casas, tocou o coração do Brasil e se tornou a memória do sentimento coletivo que eternizou canções como Na Baixa do Sapateiro, de Ary Barroso.

Letreiro: NA BAIXA DO SAPATEIRO, ARY BARROSO, 1938

NM/OFF: Órfão de pai e mãe, aos oito anos de idade, o mineiro Ary Barroso encontrou na música a saída para o mar de inspiração da cultura afro-brasileira. Fascinado pelas cores e sabores da ancestralidade perdida, foi um dos principais inventores do imaginário popular da Bahia. Gravada em 1938, por Carmem Miranda, “Na Baixa do Sapateiro” virou uma das músicas brasileira mais executadas no mundo. É também a segunda mais conhecida de Ary Barroso, atrás apenas de “Aquarela do Brasil”, lançada um ano depois.

Como diz a letra, a Bahia é uma musa que não sai do pensamento do autor, que lá esteve pela primeira vez em 1929, ainda como pianista da orquestra de Napoleão Tavares e os seus Soldados Musicais. Seguindo as morenas e ladeiras sinuosas, Ary passeou pela baianidade em músicas como “No tabuleiro da Baiana”, “Os quindins de Iaiá” e “Faixa de Cetim”.

Curiosamente, e por linhas tortas, “Na Baixa do Sapateiro” abriu caminho para o verdadeiro baiano de origem, Dorival Caymmi. Carmem Miranda cantaria o samba no filme “Banana da Terra”, mas Ary pediu alto e a fila andou. Sem acordo financeiro, coube ao jovem recém-chegado a Salvador iluminar as telas com “O que é que a Bahia tem”.

Cinco anos depois de perder a vaga no cinema nacional, veio a consagração em Hollywood. Rebatizada como “Bahia”, “Na Baixa do Sapateiro” entrou na trilha de “The three caballeros”, filme de animação de Walt Disney, lançado no Brasil com o título “Você já foi a Bahia?”. Foram dezenas de gravações, entre elas a do saxofonista supremo do jazz John Coltrane, que batizou seu álbum lançado em 1965 com o nome da canção, Bahia.

ALÇA PARA SEGUNDA MÚSICA

NM/ON: Entre beijos molhados e escandalizados, uma paixão sensual faz história em uma letra ousada e uma linda melodia que antecipa o samba-canção.

Letreiro: DA COR DO PECADO, BORORÓ, 1939

NM/OFF: Música de Bororó, lançada em 1939, na voz de Silvío Caldas, “Da Cor do Pecado”, com sua letra sensual e ousada para a época, tem o sabor e a permanência de um beijo molhado. Além da excelência de um cantor no auge do sucesso, esse samba-canção surpreende pela sua harmonia sofisticada e pela sua letra sensorial, que exala perfumes e fluídos do amor. À frente do seu tempo pela forma com que tratou a paixão carnal, “Da Cor do Pecado” também antecipou, musicalmente, alguns dos fundamentos estéticos consolidados pela bossa nova.

Nascido em 1898, o carioca Alberto de Castro Simões da Silva começou a carreira quando o samba ainda engatinhava e se manteve ativo até o fim da vida, aos 87 anos. Sobrinho da Marquesa de Santos, aprendeu violão com o pai e marcou presença nos saraus familiares, cantando modinhas com letras de Castro Alves e de Casimiro de Abreu.

Dos salões para as ruas, assinou suas primeiras composições para ranchos carnavalescos nos anos 1920. Sua obra deixou poucos e duradouros registros, como a languida “Curare”, lançada em 1940 por Orlando Silva. “Na cor do Pecado” teve inúmeras releituras, entre elas a linda e sexy versão de Elis Regina, no álbum Elis Especial, de 1968.

Na década seguinte, o corpo moreno e delgado de Ney Matogrosso requebrou no ritmo sinuoso do samba-canção de Bororó. Nara Leão, Fagner e Cauby Peixoto, cada um em seu estilo, renovaram a canção, e a gravação definitiva de João Gilberto em 1994, a tornaram um clássico. Cinco anos depois João gravou genialmente “Curare” no disco “Voz e violão”.

ALÇA PARA TERCEIRA MÚSICA

NM/ON: Um hino nacional popular exalta as belezas do Brasil e ganha o mundo com seu ritmo irresistível.

Letreiro:

NM/OFF: Quase oito décadas após seu surgimento, ela continua sendo um hino informal do Brasil. Ary Barroso carregou nas tintas do ufanismo para compor um painel diante do qual ninguém fica indiferente. Com melodia

e ritmo arrebatadores, sua Aquarela do Brasil permanece vigorosa e exuberante apesar das ressalvas que a letra recebeu desde o seu lançamento. Tanto pelo abuso de termos datados, como mulato izoneiro, morena sestrosa e merencória luz, quanto pelo uso de assumidas redundâncias do Brasil brasileiro e do “coqueiro que dá coco”.

Este clássico é também o principal exemplo de um subgênero, o samba-exaltação das belezas do Brasil, sua fauna, sua flora, sua gente, com linguagem ufanista e grandiloquente. Lançada em pela ditadura do Estado Novo, “Aquarela do Brasil” se encaixou como uma luva à política cultural nacionalista de Vargas. Externamente, ofereceu ao mundo face mais solar e alegre de um país atrasado, repleto de contradições e injustiças.

Aquarela do Brasil já era uma canção de longo alcance desde que foi lançada pelo rei da Voz, Francisco Alves, com orquestração grandiosa Radamés Gnattali. Com pinceladas no arranjo e na interpretação, se internacionalizou na voz de Aloysio de Oliveira, em 1942. Sua versão de Aquarela fez parte da trilha do filme de animação da Disney, “Alô Amigos”, que marcou a estreia do personagem Zé Carioca.

Naquele mesmo ano, com letra em inglês de Bob Russel e o título abreviado para Brazil, o samba de Ary foi registrado pelas orquestras de Jimmy Dorsey e Xavier Cugat. Desde então, vem atravessando gerações e acumulando dezenas de regravações, por alguns dos principais artistas brasileiros, como Carmem Miranda, Silvio Caldas, João Gilberto, Elis Regina, Wilson Simonal e Tom Jobim, entre outros. Além de estrelas internacionais do naipe de Frank Sinatra, Bing Crosby, Paul Anka, e até bandas de rock do século XXI, como Arcade Fire e Beirut.

ALÇA PARA A QUARTA MÚSICA

NM/ON: Exaltação da raça brasileira e da vitória de Carmen Miranda nos Estados Unidos, um samba imortal balança o Brasil e atravessa gerações.

leiteiro: BRASIL PANDEIRO, ASSIS VALENTE, 1941

NM/OFF: Quando conclamou essa gente bronzeada a mostrar seu valor, no primeiro verso de "Brasil Pandeiro", o protético baiano Assis Valente, sem saber, estava desafiando a si mesmo. Até o fim dos anos 1930, ele vinha sendo o compositor predileto de Carmem Miranda. Na voz dela, emplacara sucessos como "Good-bye boy", "Minha embaixada chegou", a maliciosa "Uva de Caminhão" e "Camisa listrada". "Brasil Pandeiro" seria mais um, se Carmem, na sua primeira visita ao Brasil depois de sua mudança para os Estados Unidos, não tivesse se recusado a gravá-lo,

porque era enaltecendo ela mesma, e ela achou que não pegava bem, preferindo gravar "Recenseamento".

Gravada em 1941 pelos Anjos do Inferno, "Brasil pandeiro" teve vida longa, ao contrário da parceria com a Pequena Notável. Era chegada a hora de a música de Assis mostrar seu valor sem a sua melhor intérprete. Depois de gravarem "Brasil, Pandeiro" os Anjos interpretaram o samba, dublado a partir de gravação original, numa cena do filme "Céu azul", protagonizado pela dupla Oscarito e Grande Otelo.

Do cinema para o baú do esquecimento, essa foi mais uma das canções que voltou à vida graças ao ouvido garimpeiro de João Gilberto. Neste caso, de forma indireta, por meio da influência decisiva que o mestre teve nas luminosas escolhas dos Novos Baianos, quando o grupo foi apresentado por João a muitos grandes sambas do passado. Entre eles, "Brasil, Pandeiro", que foi escolhido para o abrir o segundo álbum dos Novos Baianos, o fundamental "Acabou Chorare", de 1972, pioneiro na fusão do rock com o samba e o choro.

Negro, homossexual e pobre, apesar de todos os seus sucessos, Assis Valente se suicidou em 1958, aos 46 anos, tomando formicida com guaraná na Praça Paris e deixando uma carta para sua sociedade de direitos autorais pedindo que pagasse suas dívidas.

ALÇA PARA A QUINTA MÚSICA

NM/ON: Um samba triste e dolente sobre uma jura quebrada e uma desilusão amorosa encanta João Gilberto e Miles Davis e ganha o mundo.

leiteiro: AOS PÉS DA CRUZ, ZÉ DA ZILDA E MARINO PINTO, 1942

NM/OFF: Sucesso em 1942, na voz de Orlando Silva, "Aos pés da cruz" é uma parceria de Zé da Zilda e Marino Pinto, e foi escolhida por João Gilberto para o repertório de seu álbum de estreia, "Chega de Saudade", de 1959, o marco fundador da bossa nova. E foi além: gravada em seguida pelo gênio Miles Davies, em 1962, abriu as portas do melhor jazz americano para o estilo que representa a excelência da música brasileira até hoje.

O histórico "Chega de Saudade" reunia um seleção brasileira e talentos e novidades, como Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Newton Mendonça, Carlos Lyra e Ronaldo Bôscoli, e monstros sagrados, como Dorival Caymmi e Ary Barroso, mas o samba-canção de Zé e Marino fez bonito. E resiste no tempo, independentemente dos modismos.

Ao longo de décadas, público e crítica se curvaram “Aos pés da Cruz” e de João Gilberto. Sua versão, que foi fundamental para a permanência da canção, e popularizou uma máxima do filósofo francês do século dezessete, Blaise Pascal: “O coração tem razões que a própria razão desconhece”

Autor, cantor e violonista, José Gonçalves, ou Zé da Zilda, foi um dos primeiros integrantes da ala de compositores da Mangueira, ao lado de baluartes como Carlos Cachaca e Cartola e morreu aos 46 anos. Formou com sua mulher Zilda a dupla Zé da Zilda & Zilda do Zé.

O letrista Marino Pinto compôs com Wilson Batista, Azael Alvares, Vadico, Mário Lago e até Tom Jobim.

ALÇA PARA A SEXTA MÚSICA

NM/ON: Ritmos, silêncios e concisão numa forma diferente de samba revelam Dorival Caymmi e renovam a música brasileira.

letrista: ROSA MORENA, DORIVAL CAYMMI, 1942

NEM/OFF: Um dos grandes sambas de Dorival Caymmi, “Rosa Morena” é exemplo de concisão e precisão poética a serviço da música. Com poucos e curtos versos, abusando da repetição para realçar o balanço do samba, e da morena, ele pega o ouvinte pela mão e o transporta para a roda, como tenta fazer com a sua musa ao longo da música. Caymmi saca de todas as armas da sedução, tão dengoso quanto a morena Rosa, que flana cheia de pose com uma rosa no cabelo.

“Rosa Morena” foi lançada em 1942 pelo grupo Anjos do Inferno num compacto, que trazia do outro lado mais um samba inédito de Caymmi: o delicioso “Vatapá”, apresentado pelo próprio como um samba-receita, mas cheio de malícia e duplos sentidos.

Dorival gravou Rosa Morena em 1955, no disco “Sambas de Caymmi”, numa versão que reforçou ainda mais o gingado da música, valorizando o silêncio do espaço entre as palavras. Com maestria, encontrou uma solução tão pontual quanto definitiva, estabelecendo um novo padrão de qualidade.

Segundo seus criadores, a bossa nova não existiria sem Caymmi. João Gilberto deixou clara a sua admiração pela arte do mestre ao criar a versão definitiva de “Rosa Morena” no seu disco divisor de águas “Chega de Saudade”, de 1959. Anos depois, João contou ao jornalista Tarik de Souza que o silêncio entre os versos de Rosa Morena teve um efeito transformador para ele. A partir dali, João se sentiu encorajado a fazer

diferente, encurtando o som das frases para preservar o balanço natural da música.

ALÇA PARA A SÉTIMA MÚSICA

NM/ON: O coração sangrando de um autor de sambas festivos e ufanistas mostra o gênio de Ary Barroso como expressão de um romantismo moderno e sofisticado.

leiteiro: PRA MACHUCAR MEU CORAÇÃO, ARY BARROSO, 1943

NM/OFF: Famoso e reconhecido por grandes sucessos como “Na Baixa do Sapateiro” e “Aquarela do Brasil”, no início dos anos 1940, Ary Barroso era também um compositor inspirado pelo abandono e o sofrimento. Samba canção de melodia triste e arrebatadora, em “Pra machucar meu coração” Ary desnudou sua “cruel desilusão” vestida por uma luxuosa harmonia.

Um ano e meio depois do fim turbulento de um amor, o coração romântico e passional de Ary ainda estava soterrado pelos escombros de um lar que desmoronou. Restaram apenas, o sabiá e o violão, para transformar em arte sua dor. Apesar da separação traumática, a melodia dolente e a letra melancólica indicam que ele começava a se recuperar.

Lançado em 1943 pelo cantor Déo, hoje esquecido, a canção voltou internacionalizada no fundamental Lp "Getz/Gilberto", em 1964. Gravado e lançado nos Estados Unidos reuniu o saxofonista americano Stan Getz com João Gilberto e Tom Jobim ao piano, e fez história como um marco da popularização, e prestígio, da bossa nova pelo mundo.

Homem sem fronteiras, o bacharel em direito Ary Barroso, foi pianista, líder de orquestras, compositor e eventual cantor, o mais temido apresentador de programa de calouros do rádio e locutor esportivo passional, torcendo despudoradamente pelo seu Flamengo nas transmissões. Foi o primeiro presidente da União Brasileira de Compositores, e, em 1946, o segundo vereador mais votado no Rio de Janeiro.

É considerado por João Gilberto, Tom Jobim e Vinicius de Moraes como um dos pais fundadores, ao lado de Dorival Caymmi, da música brasileira moderna.

ALÇA PARA A OITAVA MÚSICA

NM/ON: Lembranças e fantasias de um Carnaval na terra do frevo e do maracatu inspiram um samba canção imortal e abrem alas para Dorival Caymmi.

letrero: DORA, DORIVAL CAYMMI, 1945

NM/OFF: Hospedado no Grande Hotel Recife, no carnaval de 1942, Dorival Caymmi teve uma epifania quando viu uma passista mulata dançando descalça durante a passagem de um bloco de frevo. Sua imagem ficou gravada em detalhes em sua cabeça, e pouco depois, misturando fantasia e poesia, recriou a imagem em forma de samba. Mesmo inspirado por lembranças da terra do frevo e do maracatu, “Dora” está entre os mais belos sambas-canção da sua fase carioca.

Mestre das canções praieiras, pioneiro na valorização dos temas afro-brasileiros, Caymmi também foi autor de lindos e sofisticados sambas urbanos. O novo universo temático se abriu para o jovem compositor quando se mudou para o Rio, em 1938, onde compôs boa parte de uma obra que teve reconhecimento imediato, permitindo que ele se dedicasse integralmente à música. Ou quase, porque Caymmi também era um talentoso pintor, que levava os temas de suas músicas para as telas.

Obra-prima de balanço, lirismo e exuberância melódica, “Dora” é também exemplo de concisão poética. Em poucas pinceladas, Caymmi apresenta o cenário: seus rios e pontes, seus bairros e fontes coloniais. E logo o narrador, num flashback, vê a mulata passar dançando em seus pensamentos, “ora para cá, ora para lá”.

A canção foi lançada por Caymmi num compacto em 1945, que trazia no lado B mais um sucesso, “Peguei um Ita no Norte”. Desde então, a rainha cafuza voltou a desfilar em várias regravações. A gravação do seu álbum de 1960, por exemplo, manteve as breves frases musicais dos sopros que remetem ao frevo.

Clássico indiscutível da música brasileira, "Dora" teve belas regravações de Nelson Gonçalves, Gal Costa e de seus filhos Nana, Dori e Danilo.

ENCERRAMENTO

NM/ON: Na verdade, não existem as melhores canções, as mais bonitas ou as mais importantes, essas 101 que tocaram o coração do Brasil representam a qualidade e a diversidade de gênios e de gêneros na música brasileira, que fizeram delas a trilha sonora de nossa história. No próximo episódio, com o otimismo do pós-guerra no horizonte, a música reflete e as potencialidades e as contradições de um país que se transforma em ritmo industrial. Entre a província e a capital, Marina Morena de Caymmi passeia livre pela Copacabana de Braguinha, mas

ainda é reprimida pelo João Valentão e pelos ecos do machismo vindos do sertão. Com Nervos de Aço de Lupicínio para enfrentar suas desilusões, o Brasil ouviu a voz do morro assumir a paternidade do samba.